

MUSEU DA IMIGRAÇÃO COMO ESPAÇO DE DISCUSSÃO E PRÁTICA DE DIREITOS

Mariana Esteves Martins¹

Museu da Imigração do Estado de São Paulo

RESUMO: Esse texto discute as relações do Museu da Imigração do Estado de São Paulo com comunidades de imigrantes e de descendentes, pelo viés da busca pelos direitos à representação cultural e à cidadania plena. A partir da análise de sua trajetória institucional, serão apresentados e problematizados momentos importantes para a constituição desse vínculo, considerando a formação do acervo e a programação cultural e expositiva do Museu.

PALAVRAS-CHAVE: Museu da Imigração. Coleção. Exposições. Programação cultural. Direitos.

ABSTRACT: *This text discusses the relations between the Immigration Museum of Sao Paulo and the communities of migrants and his descendants from the point of view of the search for the rights to cultural representations and for plenty citizenship. From the analyses of its institutional trajectory, important moments of the establishment of this bound will be presented, considering the formation of the collection and the cultural programs, so as the exhibitions of the Museum.*

KEYWORDS: *Immigration Museum. Collection. Exhibitions. Cultural programs. Rights.*

¹ Mestre em História Social (FFLCH-USP) com a dissertação “Formação do Museu Republicano ‘Convenção de Itu’ (1921-1946)”. Professora da disciplina “História do Coleccionismo de Arte: Gabinetes, Thesauri e Museus” do curso de pós-graduação “Museologia, Coleccionismo e Curadoria” do Centro Universitário Belas Artes. Coordenadora Técnica do Museu da Imigração do Estado de São Paulo, sendo responsável pela gestão dos núcleos de Preservação, Pesquisa, Comunicação Museológica e Educativo.

MUSEU DA IMIGRAÇÃO COMO ESPAÇO DE DISCUSSÃO E PRÁTICA DE DIREITOS

Mariana Esteves Martins

Introdução

No âmbito dos museus históricos, aqueles dedicados à imigração carregam consigo, além do compromisso com a historicidade de processos e de materialidades, também o comprometimento com vidas marcadas por deslocamentos, revezes, perdas de direitos e adaptações culturais. Nesse sentido, são instituições que dialogam muito de perto com questões de representação cultural, social e política, (in)visibilidade, democracia e direitos humanos.

O Museu da Imigração do Estado de São Paulo foi criado em 1993 para “levantar os dados, recolher os objetos e os documentos relacionados à imigração ocorrida no estado de São Paulo, cujo valor histórico, sociológico ou artístico recomende sua preservação em arquivo especializado, para exposição ao público”². Interessante notar que é contemporâneo a outras instituições que celebram a memória da imigração em todo o mundo, como o Ellis Island National Museum of Immigration (Nova Iorque, Estados Unidos) aberto em 1990; o German Emigration Center (Bremen, Alemanha), aberto em 2005, mas uma iniciativa que data de 1985; o Immigration Museum (Melbourne, Austrália) aberto em 1998; e o Museo de la Inmigración (Buenos Aires, Argentina), cuja sede (Hotel de Inmigrantes) foi declarada Monumento Histórico Nacional em 1995. Esse *boom* de iniciativas voltadas ao tema pode ser entendido dentro de um processo de consolidação dessa experiência tanto por países marcados por saídas de populações como por aqueles que as receberam.

No caso de São Paulo, na década de 1990, o período da Grande Imigração estava distante o suficiente para ser uma experiência consolidada e os milhões de imigrantes que vieram nessa primeira grande leva que o país recebeu, em caráter livre, já haviam sido agregados à sociedade brasileira.³ Os anos dos embates identitários mais explícitos haviam ficado para trás, assim como os sobrenomes estrangeiros já não causavam

² Decreto n.36.987, de 25 de junho de 1993.

³ Por “grande Imigração” entende-se o período entre as décadas de 1890 e 1920, quando houve o maior número já registrado de entradas de imigrantes em território nacional, principalmente no estado de São Paulo.

estranhamentos ou marcavam as diferenças. Era o momento de reconhecer essa história e valorizar a memória desses milhões de homens e mulheres. E a primeira morada de tantos, a Hospedaria de Imigrantes do Brás, era um lugar possível para abrigar essas expectativas.⁴

Mas não foi só o lugar que importou nesse momento. A vasta documentação produzida aqui, principalmente os livros de matrícula, já tinha sua importância reconhecida. Em 1986, fora criado o Centro Histórico do Imigrante, para preservar, estudar e dar acesso a esses arquivos. A Secretaria de Promoção Social, órgão que cuidava dos serviços de assistência que eram realizados no antigo edifício da Hospedaria, era a responsável por essa iniciativa e a mantinha em uma pequena sala. Para além da questão da memória, a busca pelos registros de entrada de imigrantes também pode ser explicada pela crise econômica dos anos 1980, que impulsionou a emigração e fez aumentar o desejo de obter um segundo passaporte.

Pesquisando as notícias de jornal do momento de criação do MI, percebemos que se tratava de um projeto grandioso e que vislumbrava duas sedes: a Hospedaria seria um centro de documentação e pesquisa e um prédio localizado no Parque do Ibirapuera receberia as exposições. Não sabemos a razão, mas essa segunda sede nunca foi implantada.

Formando a coleção

As notícias da época também nos indicam que era um projeto com grande apelo popular. Uma extensa campanha de mapeamento e captação de acervos foi realizada em escolas, centros comunitários em bairros com tradição imigrante e as mídias – como rádio e televisão – também foram mobilizadas. O volume de aquisições nos primeiros anos do Museu sugere o sucesso dessa empreitada e o forte vínculo de imigrantes e descendentes

⁴ A Hospedaria de Imigrantes do Brás foi construída entre os anos de 1886 e 1887 para receber, abrigar e encaminhar para postos de trabalho (principalmente fazendas de café no interior paulista) milhares de famílias imigrantes. Era um complexo de edifícios com estação ferroviária, dormitórios, cozinha, refeitório, escritório de colocação, hospital, enfermarias, correio e casa de câmbio. Localizado no bairro paulistano do Brás, ficava próxima das estações de trem Roosevelt e Brás, pertencentes às linhas de trem vindas de Santos e do Rio de Janeiro, os mais importantes portos de entrada de imigrantes. A partir da década de 1930, passou a receber principalmente trabalhadores nacionais e suas famílias, provenientes de Minas Gerais e de estados do Nordeste. Funcionou de 1887 a 1978 e nesse período cerca de 2,5 milhões de pessoas passaram pelo local.

com sua história. O Museu foi então, desde sua origem, participativo e colaborativo, premissas tão em voga nas preocupações das instituições museológicas atuais⁵.

Longe de ser exaustiva ou conclusiva, a análise que realizamos até o momento da coleção de objetos do Museu, formada principalmente por doações, nos sugere algumas recorrências interessantes que possibilitam entender o que era compreendido como patrimônio da imigração naquele momento, tanto pelas famílias como pela instituição⁶. Itens relacionados a viagem, trabalho e vida privada (objetos domésticos, de infância e indumentária de uso cotidiano e típica) representam o maior volume do que hoje está distribuído nas exposições e na reserva técnica. Encanta perceber que são objetos cotidianos e modestos, cujo valor não reside em materiais nobres, histórias excepcionais ou em uma estética singular e consagrada. São itens que pertenceram a trabalhadores rurais, operários, comerciantes, donas de casa e estudantes, muitas vezes invisibilizados ou reduzidos à estatística pela historiografia, e que musealizados, são fruídos como patrimônio cultural de grupos mais amplos⁷.

Além do vínculo com histórias pessoais e familiares marcadas pelo deslocamento territorial, a coleção atesta o passar do tempo e marca as diferenças entre o ontem e o hoje, seja pela funcionalidade, tecnologia ou estética dos objetos, como um desejo de mostrar continuidades e alteridades em relação ao vivido pelos primeiros imigrantes. Outra interpretação é que esse investimento colecionista relaciona-se ao potencial dos objetos de dar visibilidade a experiências humanas, de compor o vivido por aqueles milhares de

⁵ Sobre participação em museus, ver: SIMON (2010). Sobre exemplos de ações participativas, tanto na constituição de coleções como no desenvolvimento de exposições, ver: MENSCH (2013).

⁶ Sobre a relação entre museus e doadores, o texto de Carvalho e Lima (2005) é bastante revelador das expectativas de ambos e do vínculo que estabelecem com os bens culturais. Nesse sentido, o Museu da Imigração ampliou o escopo do projeto “Encontros com Acervo”, que originalmente entrevistaria somente membros de comunidade para discutirem peças do acervo relacionadas à sua origem, para trabalhar também conjuntos de objetos com seus doadores. Até o momento foi realizada somente uma entrevista com doador, mas pretendemos realizar outras na medida em que consigamos retomar os contatos, uma vez que grande parte das doações ocorreu na década de 1990.

⁷ Musealização é um termo adotado por diversos autores quando se referem ao processo operado pelos museus em relação aos objetos que, ao serem colecionados, perdem seu estatuto original (valor de uso) para adquirirem nova atribuição (valor memorial). De acordo com Guarnieri (1990, p.204-5), a musealização pressupõe os critérios de documentalidade, testemunhalidade e fidelidade. Já Meneses (1994a, p.31-2), considera musealização o processo de transformação de objetos em documentos. Segundo Bruno (1996, p.56): “Por musealização entendo o processo constituído por um conjunto de fatores e diversos procedimentos que possibilitam que parcelas do patrimônio cultural se transformem em herança, na medida em que são alvo de preservação e comunicação”.

pessoas registradas nos livros da Hospedaria⁸. A coleção, desse modo, humanizaria a letra fria da burocracia produzida na Hospedaria, patrimônio já consolidado.

Programação cultural e expositiva

Embora a participação das comunidades tenha sido ativa no que se refere à formação da coleção museológica, foi na elaboração da programação cultural que ela de fato se efetivou. Herdeiros de manifestações diversas, seja na culinária, música, dança e arte, imigrantes e descendentes encontraram no espaço do Museu um palco privilegiado para se apresentarem, venderem seus produtos e discutirem sua cultura (de origem e misturada às referências locais)⁹. A maior expressão dessa participação ativa é a Festa do Imigrante, evento anual iniciado em 1996 e que já se encontra na 21ª edição.

Em 2010, o Museu (na época denominado Memorial do Imigrante) foi fechado para restauro e passou por uma requalificação conceitual. Como resultado desse processo, destacamos a oficialização do alargamento de seu escopo temporal (que até então era principalmente o de funcionamento da Hospedaria do Brás, de 1887 a 1978, mas que já vinha sendo repensada ao longo da década de 2000) e, conseqüentemente, a inserção de processos migratórios contemporâneos e novos grupos em suas ações museológicas¹⁰.

Um primeiro movimento nessa direção foi a integração de comunidades ligadas a imigrações atuais para compor a Festa do Imigrante. Para que isso acontecesse, a equipe do Museu mapeou e agiu ativamente para que essa participação se efetivasse, levando em conta questões muito latentes para recém-chegados, como dificuldades com a língua e com processos burocráticos e administrativos. A intenção era fomentar um olhar generoso entre as experiências do passado e do presente, colocando os descendentes das primeiras levadas imigratórias e os atuais em patamar de igualdade na programação.

Um segundo movimento foi a inserção da temática contemporânea na agenda de exposições. Destacamos aqui algumas experiências. A primeira foi a “Ser Imigrante: o

⁸ Estamos considerando aqui o potencial dos objetos, mais que os documentos escritos, de suscitar imaginação histórica e os diferentes sentidos que lhes são atribuídos, principalmente em contextos expositivos. A esse respeito, ver: BANN (1994) (2011) e MENESES (1994).

⁹ Interessante pensar que essa prática do Museu de ceder espaço e articular uma programação que resulta na difusão e venda de produtos de artesanato e de alimentação, cujo diferencial reside na riqueza cultural dessas comunidades, se relaciona com a economia criativa, atualmente em discussão.

¹⁰ A esse respeito, ver o Plano Museológico do Museu da Imigração em <http://museudaimigracao.org.br/wp-content/uploads/2013/08/Plano-Museologico.pdf> (acesso em novembro de 2016).

mesmo e o outro” (2013), que discutia as proximidades e diferenças entre as experiências do passado e do presente. Focando na legislação e nos espaços de acolhimento e encaminhamento, antes estatais e atualmente formados especialmente por entidades civis, principalmente religiosas, a exposição era bastante interativa e propunha ao visitante se colocar no lugar de quem migra.

Outra exposição foi a “Carta de Chamada de Atenção” (2015), realizada em parceria com o Arsenal da Esperança, instituição que abriga homens em situação de vulnerabilidade social, dentre os quais muitos refugiados. A partir de um processo de mediação, foi solicitado que eles compartilhassem conosco suas histórias de vida e uma carta, nos moldes das históricas “cartas de chamada” presentes no arquivo da Hospedaria.¹¹

Atualmente está em cartaz a exposição “Direitos migrantes: nenhum a menos” (aberta em setembro de 2016), que discute as limitações impostas aos imigrantes, bem como os atuais movimentos de discussão e mobilização para mudanças na legislação brasileira (lembrando que ainda está em voga o Estatuto do Estrangeiro, de 1980), tendo como ponto de partida o entendimento que migrar é direito humano. Embora tal premissa seja um princípio do Museu da Imigração e que, portanto, ações que a discutam e comuniquem devam ser estimuladas, existe uma grande preocupação em relação à abordagem. Isso porque visibilizar tal discussão é uma necessidade democrática e o Museu entende ser esse seu papel, assim como o é não apresentar um discurso dirigido, sem possibilidade de abrir diálogo com posições contrárias. Queremos ser um espaço de proposição de perguntas e de múltiplas vozes e acreditamos que só assim podemos cumprir nossa função social.

E como colecionar o contemporâneo?

Como apresentado até aqui, a temática contemporânea já está consolidada na programação cultural e expositiva do Museu. No entanto, sua inserção no acervo ainda é um desafio, principalmente pelo viés que temos privilegiado: dos direitos, da (in)visibilidade e da democracia. Um caminho seguro que temos trilhado é o registro de histórias de vida por meio da metodologia de História Oral. Desde 2011, foram realizados três projetos –

¹¹ Sobre essa experiência, ver: MONTEIRO e WALDMAN (2015).

Migração contemporânea, Mulheres migrantes e Conselheiros migrantes –, com dezenas de entrevistas gravadas e transcritas, que têm sido trabalhadas nas exposições.

Mas, em relação à coleção museológica, como incorporar essas discussões na política de acervo? Como colecionar esses movimentos? Como colecionar o que ainda está em processo e não passou pela necessária chancela do tempo? Ou melhor, como colecionar o contemporâneo com algum grau de segurança quanto à pertinência para o futuro (que justificaria os altos custos sociais que preservar implica)? Seriam os tradicionais procedimentos museológicos apropriados para essa finalidade?

Para balizar o problema, lembramos aqui uma pergunta feita nas primeiras entrevistas de História Oral que realizamos com refugiados abrigados no Arsenal da Esperança: o que você trouxe na sua bagagem? Nessa dúvida repousava um dos pilares que constituem os acervos de museus de imigração, pois em todos há malas, maletas, baús – além de objetos pessoais, domésticos e de trabalho que migraram junto com seus donos. No entanto, para os recém-chegados que entrevistamos, essa pergunta só causava estranheza e era comum que apontassem sem muito entusiasmo a camiseta que vestiam e a mochila que carregavam consigo. Depois entendemos que para eles, naquele momento, era mais premente se estabelecer – conseguir um teto, aprender a língua e estar empregado – e que levaria ainda algum tempo para que o presente passasse pelo crivo da memória e que tais objetos fossem ressignificados pela lógica do afeto, da saudade e da materialização de uma trajetória realizada.

Outro desafio consiste no questionamento de como colecionar considerando um processo de escuta de expectativas, tão necessário quando lidamos com histórias de vida e trajetórias de grupos humanos. Respeitar essas trajetórias e suas memórias é responsabilidade do Museu, assim como apresentar às claras seus processos, procedimentos, anseios e limitações técnicas. Sabemos das dificuldades de abarcar as expectativas do público que, por vezes, coloca sua experiência particular como mais legítima ou mais representativa, em detrimento da experiência do outro. Cabe então à instituição discutir conjuntamente uma política de acervo, colocando as comunidades como agentes a serem consultados, abarcando a diversidade e contemplando democraticamente o maior número de vozes possível.

Conclusão

Entendemos que desde sua criação, o Museu da Imigração sempre foi visto como local para prática de direitos. No princípio era o direito à manifestação cultural, à representação e à valorização de sua memória e contribuições. Hoje lidamos também com o direito a uma cidadania plena, baseada no princípio dos direitos humanos. O Museu quer ser o espaço que discute essas questões e que preserva, dinamicamente, o efervescente momento contemporâneo. Esse é também um patrimônio da imigração, assim como são as malas, baús, indumentária, objetos domésticos e outros itens colecionados nos primeiros anos da instituição e que hoje são fundamentais para o entendimento da contribuição desse processo para a formação cultural, social e econômica do estado de São Paulo.

Desse modo, o Museu se compromete em discutir a imigração pelos vieses dos direitos culturais e dos direitos humanos a partir do que lhe compete: articular, colecionar, problematizar e comunicar processos e trajetórias de vida, por meio de programações e exposições. Queremos ser um museu vivo, que valoriza as memórias e o patrimônio herdado pelas comunidades formadas a partir dos deslocamentos do fim do século XIX e início do XX, mas que também seja visto como espaço importante e legítimo para aqueles que continuam chegando, seja para estabelecer laços com a história do lugar de acolhida ou para manifestar-se enquanto agentes culturais e políticos.

REFERÊNCIAS

BANN, Stephen. Visões do passado: reflexões sobre o tratamento dos objetos históricos e museus de história. In: _____. **As invenções da história**. São Paulo: Unesp, 1994.

_____. **The Clothing of Clio**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

BRUNO, Maria Cristina de Oliveira. Formas de humanidade: concepção e desafios da musealização. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, n. 9, p. 55-73, 1996.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação (1990). In: BRUNO, Maria Cristina de Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado / Secretaria de Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. p. 203-210.

MENESES, Ulpiano Teixeira Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento histórico. ANAIS DO MUSEU PAULISTA: História e Cultura Material. São Paulo, v. 2, p. 9-42, jan./dez. 1994.

MENSCH, Léontine (ed). **Participative Strategies in Collecting the Present**. Berliner Blätter, Ethnographische und ethnologische Beiträge, 63, 2013.

MONTEIRO, Juliana; WALDMAN, Tatiana. Pensando o presente: conexões possíveis a partir do acervo do Museu da Imigração de São Paulo. **Revista Eletrônica Ventilando Acervos**, v. 3, n. 1, p. 7-21, nov. 2015.

SIMON, Nina. **The Participatory Museum**. Santa Cruz: Museum 2.0, 2010.